

Mário Cláudio, *Retrato de Rapaz*, Alfragide, D. Quixote, 2014, 139 pp.

Ana Paula Arnaut
 Centro de Literatura Portuguesa
 Universidade de Coimbra
 arnaut@ci.uc.pt

Mestre em completar projetos inacabados ou apenas pensados, como sucede, respetivamente, com *As Batalhas do Caia* (1995) e com *Camilo Broca* (2006); mestre, ainda, em completar vazios biográficos deixados, por exemplo, por Fernando Pessoa na construção do seu semi-heterónimo Bernardo Soares (*Boa noite Senhor Soares*, 2008), Mário Cláudio oferece, com este romance, uma nova prova da sua admirável capacidade para espreitar e para (re)compor percursos de vida e, em concomitância, confirma a sua original aptidão para, usando a cor e o ritmo adequados de cada palavra, (re)criar ambiências e os seres que as povoam.

A atenção prestada ao “cenário de atmosferas” e a outros miúdos pormenores, idênticos a esses “pequenos-nadas quotidianos”, de que nos fala em “Proustofilia”, uma das crónicas publicadas em *O eixo da bússola* (2007), revela-se, então, o principal *ingrediente* na (re)criação da vida e do *mundo* que, agora, não é o de Marcel Proust, mas, aparentemente, o de “Um discípulo no estúdio de Leonardo da Vinci”. Segundo Mário Cláudio, na mesma crónica em que nos dá conta do gosto em esmiuçar o *universo* do autor francês, “Os proustofílicos serão sempre celebrantes dos dias, curiosos do acaso, explicadores de lances [...]”. No entanto, os mais importantes acasos e lances que se registam entre a capa e a contracapa de *Retrato de Rapaz* não são, pelo menos para nós, os que reconstituem os vinte e cinco anos de serviço (de aprendizado e de protetorado, também) de Gian Giacomo Caprotti, ou Salai, o discípulo anunciado na espécie de subtítulo que, curiosamente, não se repete na folha de rosto do livro.

De modo obliquamente semelhante ao que sucede nas biografias de Amadeo ou de Tiago Veiga (*Tiago Veiga. Uma biografia*, 2011), em que os biógrafos, discreta e pacientemente, se vão imiscuindo nos trajetos de vida que relatam, o que aqui acontece é que o retrato e a vida do pintor do Alto Renascimento se vão sobrepondo aos episódios protagonizados pelo aprendiz. Estes (a)parecem-nos, pois, numa linha de leitura que aceitamos não ser

consensual, mais como um pretexto (ou como um pré-texto) para recompor os vazios deixados por uma vida privada mantida em segredo e, talvez por isso, alvo de várias especulações, iniciadas ainda no século XV (entre outros, pelo pintor e arquiteto Vasari), mas intensificadas a partir dos séculos XIX e XX, principalmente com os estudos de Sigmund Freud sobre a vida sexual do artista.

Em *Retrato de Rapaz* o que mais nos atrai, por consequência, não é tanto o argumento, o enredo, mas antes as voltas que o autor (ou o narrador por ele) nos faz dar em torno das suas criaturas, ou melhor, do seu mundo íntimo, principalmente o de Leonardo, como sugerimos. Assim, apesar de predominarem os momentos em que a atenção da entidade narrativa se centra no “eterno aprendiz” (p. 67, *passim*), apesar dos vários paratextos existentes (a já mencionada espécie de subtítulo, o breve resumo que se apresenta na contracapa, ou os esboços de que a moldura do livro se compõe), tudo isso acaba por diluir-se no interesse com que procuramos, ao invés, saber de Leonardo da Vinci, dos seus (de)afetos por Gian Giacomo Caprotti que, como sabemos desde o início, não só o faz sorrir como lhe causa os sobressaltos suficientes para sobre ele debruçar demoradamente o olhar (p. 14).

Não nos parece ser por acaso, portanto, que as páginas finais da narrativa, após a morte do mestre (p. 133-134), atem, através de elipses e sem grandes cerimónias narrativas, o destino final do discípulo, e com este o das “Três Graças”, personagens seguramente colhidas no imaginário greco-romano mas aqui sujeitas a uma caracterização que, contrariando a idílica harmonia do mundo clássico que na origem simbolizam, ilustram, com Salai, a dissolução de costumes da vida cortesã.

Num primeiro nível, o fio condutor do romance desenrolar-se-á, ao longo das suas três partes (“A Lição”, “O Voo” e “O Anel”), num interessantíssimo jogo entre a obediência, sempre relativa, porém, a dados factuais e a capacidade imaginativa de Mário Cláudio. Num segundo nível, manter-se-á, é certo, o jogo entre a fidelidade às fontes e à imaginação, mas as peças, as palavras, que agora tornam a narrativa viva pertencem ao lugar dos sentimentos. E assim encontramos o desenho relacional entre a supremacia do mestre e a sempre rebeldia de Salai, entre a desconfiança inicial (de e entre ambos) e o afeto que, apesar de tudo, vai ganhando corpo e alma, entre a amizade que protege e o reconhecimento do “cão perdido” que torna “a casa de seu dono” (p. 115), entre, em suma, aceitar ou

não aceitar o amor que, afinal, de formas diversas, se torna insuportável não reconhecer. Ora verbalizado, ora calado, por um e pelo outro, torna-se, em todo o caso, impossível não o aceitar de forma plena, ainda que tardiamente. E, por isso, também o romance se faz de picardias amorosas e, por conseguinte, de ciúmes vários.

A história traçada e vivida em *Retrato de Rapaz* é, portanto, e na sua essência, uma narrativa de afetos comoventes cujo rigor histórico se torna um acessório, não interessando tanto como conhecer o percurso e as viagens íntimas de da Vinci, o Homem, a Leonardo, o moribundo, e, colateralmente, de Gian Giacomo Caprotti, o jovem efebo, a Salai, o adulto vencido pelos efeitos do tempo. Um tempo que, lembrando o poema “Apostila” de Álvaro de Campos, permite a Mário Cláudio retirar da alma das suas personagens “os bocados precisos – nem mais nem menos – / Para com eles juntar os cubos ajustados / Que fazem gravuras certas na história” e, também, no “lado de baixo” desta, “que se não vê”, ou que certas mentalidades conservadoras insistem em não ver.

Costas González, Xosé-Henrique, *O valego. As falas de orixe galega do Val do Ellas (Cáceres- Extremadura)*, Vigo, Edicións Xerais de Galicia, 278 pp.

Alicia Manso Flores
 Universidad de Extremadura
 amansofl@alumnos.unex.es

Con esta obra, el profesor Xosé Henrique Costas recoge todos los trabajos que ha publicado hasta la fecha sobre el *valego* o *Fala* de Valverde del Fresno, Eljas y San Martín de Trevejo. En este sentido, ya en el sintagma del título “falas de orixe galega” deja clara su línea de pensamiento, es más, puede parecer que el contenido va a estar condicionado por esta perspectiva, sin embargo, no se limita a seleccionar rasgos encaminados a la demostración de una determinada filiación genética, un problema que afecta con frecuencia a la bibliografía; lo que el lector encontrará, en cambio, es un análisis del habla, su historia y estado legislativo.

De este modo, expone un panorama jurídico y administrativo de las lenguas en España y Europa. En este contexto, explica que el